

Edição v.36
número 3 / 2017

Contracampo e-ISSN 2238-2577
Niterói (RJ), 36 (3)
dez/2017-mar/2018

A Revista Contracampo é uma revista eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense e tem como objetivo contribuir para a reflexão crítica em torno do campo midiático, atuando como espaço de circulação da pesquisa e do pensamento acadêmico.

Jornadas e heróis nos perfis da revista Piauí: um estudo sobre gestos biográficos no jornalismo

Journeys and heroes in Piauí's magazine profiles: a study on biographic gestures in journalism

MOZAHIR SALOMÃO BRUCK

Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da PUC-Minas, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. Pós-Doutor pela Universidade Fernando Pessoa, Porto-Portugal. Brasil. E-mail: mozahir@uol.com.br. ORCID: 0000-0002-9983-6072.

RENNAN ANTUNES

Mestre em Comunicação e Interações Midiáticas pela PUC-Minas, Belo Horizonte, Minas Gerais. Brasil. E-mail: rennan.antunes@gmail.com. ORCID: 0000-0001-9027-1661.

AO CITAR ESTE ARTIGO, UTILIZE A SEGUINTE REFERÊNCIA:

BRUCK, Mozahir Salomão; ANTUNES, Rennan. Jornadas e heróis nos perfis da revista Piauí: um estudo sobre gestos biográficos no jornalismo. Contracampo, Niterói, v. 36, n. 03, pp. 235-255, dez. 2017/ mar. 2018.

Enviado em 29 de maio de 2017 / Aceito em 15 de setembro de 2017

DOI – <http://dx.doi.org/10.22409/contracampo.v36i3.1033>

Resumo

As reflexões deste artigo¹ se detêm sobre gestos biográficos no jornalismo, estudando-os a partir dos perfis publicados na revista *piauí*, especialmente a partir dos identificados como “vultos da república” (foram analisados 30 perfis, de um total de 103 textos de perfilação publicados pela revista). Valendo-se de reflexões sobre a natureza do gesto biográfico, noções como a ilusão biográfica (BOURDIEU, 1986), ingenuidade biográfica (BAKHTIN, 2005) a jornada do herói (Martinez, 2008) e os perfis no jornalismo (VILLAS BOAS, 2003; MAIA, 2013), a pergunta que guia esta reflexão é a seguinte: como e em que medida a revista *piauí* se vale da estratégia narrativa da perfilação para oferecer ao leitorado novos ingredientes e perspectivas outras tanto do perfilado quanto do contexto e circunstâncias sociais em que estão inseridos?

Palavras-chave

piauí, perfis biográficos, jornalismo

Abstract

The reflections of this article focus on biographical gestures in journalism, studying them in profiles published in the magazine *piauí* magazine, especially from those identified as "figures of the republic" 30 profiles were analyzed, out of a total of 103 published profiling texts by the magazine). Using concepts how biographical illusion (BOURDIEU, 1986), biographical naivety (BAKHTIN, 2005), the journey of the hero (MARTINEZ, 2008) and the profiles in journalism (Villas Boas, 2003 and Maia, 2013), as well as reflections on the nature of the biographical gesture, the question that guides this reflection is: how and to what extent does the *piauí* magazine use the narrative strategy of profiling to offer the reader new ingredients and gradients both in the profile and in the context and social circumstances in which they are inserted?

Keywords

piauí, biographics profiles, journalism

¹ Este estudo faz parte das atividades do grupo de Pesquisa Mídia e Memória, vinculado ao PPGCOM da PUC Minas.

Considerações táticas

O jornalismo, em seus mais usuais modos de expressão e séries narrativas, tem se valido da vida social como matéria-prima essencial. Tal afirmação se mostra um embasado ponto de partida para a reflexão aqui proposta acerca de como, no jornalismo brasileiro, a construção narrativa de perfis biográficos tem se tornado importante estratégia para que o jornalista busque avançar em relação ao seu cotidiano próximo e diretamente perceptível para tentar melhor compreender o mundo em suas complexidades e opacidades. Pressupõe-se, de início, portanto, que um perfil biográfico pode ter o potencial de transcender a dimensão imediatamente visível do acontecimento, de contrapor as circunstâncias e causalidades que o engendraram e fazer emergirem as sobreposições, articulações, nexos e conexões que ele retroalimenta.

Como se detalhará à frente, os perfis biográficos historicamente se constituíram, dentro das séries narrativas do jornalismo, por um enviesamento estratégico em termos do trabalho jornalístico de sondagem do real imediato. Os perfis se realizam ao elegerem e sondarem atores sociais que acabam por gerar algum tipo de interesse em função dos papéis que exercem, dos lugares que ocupam ou mesmo motivados por acontecimentos que protagonizaram. Ou, muitas vezes, nem tanto, haja vista que a figura humana é sempre potente de ser narrativizada em função de suas singularidades e peculiaridades. De toda sorte, são relatos de natureza essencialmente memorialística, pois não apenas se substanciam do acionamento das lembranças e do memorável do perfilado, mas acabam eles próprios, os perfis, por se estabelecerem como narrativas a alimentar o repertório do memorável.

Valendo-se de reflexões sobre a natureza do gesto biográfico, noções como a ilusão biográfica (BOURDIEU, 1986), ingenuidade biográfica (BAKHTIN, 2005) a jornada do herói (MARTINEZ, 2008) e os perfis no jornalismo (VILLAS BOAS, 2003; MAIA, 2013), a pergunta que guia esta reflexão, a partir da análise de perfis publicados pela revista *piauí*, identificados na série "Vultos da República", é a seguinte: como e em que medida a revista *piauí* se vale da estratégia narrativa da perfilação para oferecer ao leitorado novos ingredientes e outras perspectivas, tanto do perfilado quanto do contexto e circunstâncias sociais em que estão inseridos?

Sobre o objeto empírico eleito, *piauí* é um periódico mensal que foi lançado em outubro de 2006 na Festa Literária Internacional de Parati — Flip, pelo cineasta João Moreira Sales e pelo editor e dono da Editora Companhia das Letras, Luiz Schwarcz. Sem editorial e sem colunistas fixos, para seus editores não existem

pequenos ou grandes temas. Eles parecem acreditar que o que realmente existem são *histórias boas* ou *histórias mal contadas*. De acordo com seu editor, João Moreira Sales, *piauí* não é uma revista produzida em redação, é criada e desenvolvida por repórteres, pesquisadores e escritores que estão em campo buscando material exclusivo e original.

Para observarmos os mencionados investimentos biográficos da *piauí*, considerou-se necessário o trabalho exploratório nas 128 edições da revista, (da primeira edição, em outubro de 2006, até maio de 2017). Desse total, 103 textos foram considerados de perfilação, o que atesta que os perfis são considerados um recurso importante para a revista, haja vista que 80% das edições trouxeram este tipo de relato. Após esta etapa, procedeu-se a um primeiro procedimento metodológico amparado na análise de conteúdo, cujo objetivo foi verificar características comuns que se repetem no conteúdo de um texto capazes de os agruparem nas vinhetas publicadas pela revista *piauí* (tipos, vultos, perfis, figuras, histórias pessoais, entre outros). Como procuraremos mostrar à frente, a revista busca, ao seu modo, organizar tais narrativas adotando uma tipologia para identificá-las.

Na avaliação dos autores, os perfis identificados como *vultos* mostram-se os mais relevantes e, dentro desses, os vinhetados como *vultos da república* (30 no total), foram escolhidos para uma observação e, dentre desse conjunto, por amostragem (em função da exiguidade do próprio artigo), seis receberam uma análise mais detida e pormenorizada em função de parecerem reunir mais elementos efetivamente conectados com as questões que movem nossa reflexão.

Nosso trabalho analítico considerou, assim, um primeiro momento de quantificação (AC), e depois associou elementos da análise narrativa (AN) e das fases da jornada do herói, propostos por Martinez (2008). O intuito foi observar, nos textos selecionados, como as estratégias narrativas utilizadas pela revista *piauí*, na série *vultos da república*, abordam as personagens na sua complexidade contextual e circunstancial, oferecendo novos ingredientes e gradientes sobre as histórias de vida narrativizadas ao leitorado.

O biográfico como modo de conhecimento

Não seria exagero afirmar que os gestos biográficos em todo ambiente midiático-interativo, como assinalam Arfuch (2010), Bruck (2009) têm, de modo significativo, adensado o conjunto imediato/mediado de conhecimentos disponíveis num intenso processo de negociação e, poder-se-ia dizer, em alguns casos, quase de sobreposição entre passado, presente e expectativa de futuro. A mídia, em

especial o jornalismo, por sua natureza também documental, acaba, ao seu modo, por referenciar e nutrir processos de construção memorialística. Independentemente das mídias que os suportam, registros textuais e imagéticos referenciam e nutrem nossas percepções do passado mais recente — por assim dizer, uma refração da refração.

Os tensionamentos que marcam tal relação entre relatos que, ao se colocarem como narrativas do presente, também se instituem como substância para a memória e a história, revelam um complexo jogo de temporalidade em que acabamos por constituir, no presente, percepções de acontecimentos e situações que, no futuro, se oferecerão como chaves para a compreensão do passado. Um jogo de temporalidade em que o jornalismo nem sempre é mero coadjuvante, mas episodicamente balizador efetivo dos sentidos e interpretações que se cristalizarão, retroalimentando e enviesando (des) entendimentos e (in) compreensões. Em uma palavra, o jornalismo, ao narrar, inscreve relatos no campo da memória e, ao fazê-lo, também dela se torna substância e um privilegiado lugar do jogo memorialístico.

Contribuiria o jornalismo, assim, para a construção diária da imagem de personalidades públicas ao reportar situações de sua vida — rápidas passagens, circunstâncias vivenciais, o sabido e o ocultado. E, conseqüentemente, para a construção e reconstrução dessas imagens e da memória coletiva sobre determinadas pessoas e/ou situações. Vale ressaltar que as peças do quebra-cabeça da vida de tais personalidades, montados cotidianamente sem o afastamento temporal pelos narradores do cotidiano, servem de referência para as percepções e interpretações futuras e serão, muitas vezes, utilizadas por biógrafos, jornalistas ou não, como afirmação ou refutação de fatos, circunstâncias e contextos das vidas de biografados/perfilados.

Por assim dizer, se a perfilação resulta de um trabalho de apuração marcadamente indiciária, que busca a síntese de seu referente, ou seja, a história de vida em questão, também acaba por ser resultado de uma exigência para o realizador de que este estabeleça uma narrativa coerente e que traduza, para o leitor, mais do que casualidades, causalidades e origens dos acontecimentos e circunstâncias sobre os quais se quer lançar luz. Isso porque o que o perfilista tem pela frente são, mesmo que obtidos por meio de entrevistas diretamente com o perfilado, apenas fragmentos, estilhaços de um conjunto temporal multilinear que constituem a vida do retratado. A bruma do tempo opaciza.

A construção de perfis denota, em geral, que se optou, narrativamente, pela abordagem de determinado tema pelo viés biográfico, numa perspectivação que privilegiará aspectos diretamente associados à vida do perfilado. Centralidade da observação, o perfilado referencia acontecimentos/circunstâncias/processos que,

muitas vezes, são o mote e interesse principal da narrativa em questão. A atenção aprofundada às características, detalhes comportamentais e emocionais da personagem podem possibilitar ao realizador do perfil a oportunidade de obter novas circunstâncias e fatos novos que o ajudem a melhor compreender aquilo que investiga.

Por um lado, perfis biográficos podem ser vistos como possibilidade de acesso enviesado, como porta e passagem para, marginalmente, aceder a temas de abordagem direta mais complexa. O perfil do motorista delator, da secretária que sabia de todas as tramoias e resolve denunciá-las, da ex-amante do mandatário denunciado por envolvimento em ações ilícitas, do soldado que não mais aceitou submeter-se a vilipêndios e crueldades. Exemplos não faltam e nem faltarão. Gente que vive, muitas vezes, na ribeira do que passa, mas que, eventualmente, se molha e até mergulha no profundo das coisas.

Por outro lado, cabe lembrar que algumas histórias de vida parecem chamar especialmente mais a atenção de quem se dedica ao empreendimento de perfilação. São personagens, em geral, que fizeram da sua vida um símbolo das histórias, dos processos e das circunstâncias que engendram e vivenciam. Expressões como “uma vida dedicada a...”, “sua vida é a própria história tal”, “não há como separar a sua história de vida do que aconteceu naquela época...” dão bem conta de como, por motivações e intencionalidades das mais distintas, determinadas personagens parecem iconizar momentos da história e que ganharam significado importante na vida de determinados grupos e sociedades.

Entre os riscos da biografia está certamente o da tendência à busca, a priori, de que as vidas se arranjam em relatos coerentes e lineares. De que a trajetória de uma vida se funde em uma motivação original que será seu fim, mas também sua finalidade. É a ideia da ilusão biográfica. Considerando as noções de ingenuidade biográfica (BAKHTIN, 2005) e da ilusão biográfica (BOURDIEU, 1986), Bruck (2013) alerta para o que entende ser uma ingenuidade biográfica do jornalista.

Pelo modo pelo qual se relaciona com a informação e pela própria natureza da mediação que, cultural e socialmente, faz do real, o jornalista, ao empreender uma biografia o faz, segundo Bakhtin, crendo ingenuamente. Ingenuidade que é definida, especialmente, além da tendência à aproximação e envolvimento com o que vai levantando acerca da vida do biografado, pela busca de uma narrativa que tenta organizar linear e coerentemente o curso de uma existência. (BRUCK, 2013)

Tal linearidade conteudística e narrativa que seduz e ronda o gesto biográfico é especialmente alertada por Bourdieu (1986), quando o autor francês aborda o que nomeou de ilusão biográfica. Para Bourdieu, a ilusão biográfica se

instala na crença, a priori, de que a vida constitui um todo, um conjunto coerente e orientado “que pode e deve ser apreendido como uma expressão unitária (...)” (BOURDIEU, 1986, p.184). Ou, nas palavras do teórico francês:

Produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica, uma representação comum da existência que toda uma tradição literária não deixou e não deixa de reforçar. (BOURDIEU, 1986, p.185).

Ou seja, a ilusão teria menos a ver com aspectos relacionais de empatia ou rejeição do perfilista com a personagem perfilada, mas com uma apriorística postura de buscar, para a vida em relato, uma coerência linear de causas e consequências que o circunstanciam e se como toda a trajetória de vida fosse, inexoravelmente, uma evolução, um rio sem interrupções, sem ramificações, sem desvios, secas ou inundações.

Por sua vez, Pignatari (1996) nos alerta para o fato de que é inevitável, na composição de uma narrativa biográfica, que o autor lance mão de operações de natureza ficcional. Comparando a biografia a um *puzzle*, Décio Pignatari destaca que o realizador de uma biografia ou perfil tem diante de si um imenso volume de informações como documentos, dados coletados e memórias que, muitas vezes, se apresentam, também, como fatos desconexos, relatos divergentes ou contraditórios e mesmo registros conflitantes sobre o perfil do biografado. E que na biografia não-ficcional, cabe ao biógrafo a busca da coerência, fazendo com que esse quebra-cabeça existencial tenha ordem e sentido instituídos pela linearidade. Décio Pignatari se referiu ao trabalho do biógrafo como sendo de alguém que “arma uma teia interpretante, graças à qual apreende, capta, ‘lê’ a vida de alguém tal como a aranha à mosca”, a partir de fios que extrai da mais variada natureza signíca — da arte ao documento.

Não é demais supor, portanto, que o relato biográfico se baseia, em grande parte, nessa tentativa de dar sentido e tornar razoável aquilo que Bourdieu chamou de “extrair uma lógica ao mesmo tempo retrospectiva e prospectiva, uma consistência e uma constância”, estabelecendo relações lógicas de causa e efeito final, de uma sucessão linear de fatos que, coerentemente, se desenvolvem e evoluem. Especialmente nesse aspecto, pode-se dizer que são profundamente convergentes as reflexões de Pierre Bourdieu e as firmadas, antes dele, por Mikhail Bakhtin, em sua obra *Estética da criação verbal* (2005)². Bakhtin, ao analisar as perspectivas do autor e da personagem na atividade estética, também apontou

² O original desta obra foi lançado em 1979, poucos anos depois da morte de Mikhail Bakhtin, que ocorreu em 1975.

para essa pactuação velada entre biógrafo e biografado, nos casos em que está presente o que ele chama de “autor ingênuo”, de uma “biografia sincrética” (BAKHTIN, 2005, p.178).

Perfis no jornalismo

Se voltarmos nosso olhar para os meios de comunicação, é notória a presença das histórias de vida, tanto nos jornais como em revistas, programas de rádio, portais de notícias, entre outros. Uma das formas mais recorrentes de narrativização dessas histórias e de seus sujeitos é o perfil, presente no jornalismo, segundo Maia (2013), desde os seus primórdios.

Segundo Vilas Boas (2003), independentemente do tipo de construção narrativa utilizada ou do tipo de construção de personagem de que o jornalista se vale — indivíduo, tipo ou caricatura (Sodré e Ferrari, 1986) — um dos papéis do perfil é gerar interesse do leitor pelo personagem retratado, provocando reflexões sobre aspectos objetivos e subjetivos da existência humana. Segundo ele, o gênero figura na imprensa mundial há mais de um século, mas foi somente após a década de 1930 que as revistas e jornais passaram a apostar nesse tipo específico de narrativa, que aborda figuras humanas jornalística e literariamente. *The New Yorker*, *Esquire* e *Vanity Fair* são alguns exemplos de revistas americanas em que o gênero se consagrou. No Brasil, segundo Vilas Boas (2003), a revista *O Cruzeiro* e a *Realidade* também são exemplos de qualidade nos perfis que publicaram — pesquisa aprofundada, descrição de cenas e gestos, ambientação e diversos outros recursos literários que enriqueciam seus textos.

Mesmo diante de uma presença tão marcada, a literatura da área aponta para uma incapacidade de fechamento conceitual sobre o perfil, fato que nos propicia lançar um olhar mais ontológico sobre a questão, privilegiando a dimensão humana do trabalho jornalístico envolvido na elaboração desse tipo de texto que, por meio da apropriação simbólica envolvida na construção de seu relato, é capaz de promover a singularização do indivíduo construído por meio da narrativa e de inserir sua história no espaço e no tempo.

Essa visada parece-nos circunstanciada pela certa desmaterialização das fronteiras entre jornalismo, literatura e história, dialogando, nesse sentido, com a biografia. “Se a biografia é fortemente marcada por essas dimensões, o perfil, como recorte de momentos na vida de uma pessoa, compreende esses discursos também na perspectiva da reportagem” (MAIA, 2013, p. 177). Neste tipo de texto, o personagem deixa de ser pano de fundo para se tornar protagonista do relato,

deixando-se capturar pelo olhar do jornalista. Nesse sentido, de acordo com Maia (2013), podemos entender o perfil

como uma composição textual do sujeito a partir de determinadas angulações que traduzem as perspectivas adotadas tanto na captação quanto na edição. Para tanto, é possível definir duas classificações principais: a) angulação ampliada: nesse caso, o autor apresenta o sujeito a partir de uma perspectiva linear, apoiada em uma lógica assertiva, o que representa uma objetivação do relato, configurando-se, assim, uma narrativa convencional. b) angulação difusa: a história de vida é construída sob uma superfície irregular, o que faz os fachos de luz refletirem em todas as direções, com espaço inclusive para as sombras, deixando ao leitor a tarefa de compor essa trajetória, uma vez que elementos extraentrevista aparecem ao longo do texto, revelando-se então uma narrativa não convencional. (MAIA, 2013, p. 182)

Outra visada acerca do perfil no jornalismo nos é dada por Sodré e Ferrari (1986). De acordo com os autores, o perfil é um tipo de narrativa que pode ser entendido como uma reportagem cujo foco é a personagem, protagonista de uma história, em geral da sua própria vida.

Para Sodré e Ferrari (1986), existem três tipos predominantes de construção de perfil, levando-se em conta a postura do jornalista em relação ao personagem a ser perfilado. O primeiro deles é a entrevista clássica, em que não é requerido, necessariamente, a impressão de existência de contato pessoal entre jornalista e entrevistado (construída narrativamente) e há a prevalência do discurso direto. Já no segundo tipo de construção, nota-se uma aproximação maior entre o jornalista e a personagem, o que propicia trocas simbólicas e relacionais entre ambos, possibilitando o intercâmbio de experiências pessoais e estéticas, ampliando a dimensão sensível da narrativa. Na maioria dos casos, esses textos são marcados pelo uso do discurso indireto mediado pela figura do narrador. O terceiro tipo nomeado por Sodré e Ferrari (1986) é caracterizado pela mescla dos dois tipos anteriores. O repórter, utilizando-se de diálogos e de um modo de narração que inclui, entre outros, elementos descritivos, tenta trazer para o texto o momento em que se dá o encontro com a personagem.

Entretanto, se nos debruçarmos sobre os perfis publicados pela revista *piauí*, por exemplo, como fizemos na pesquisa exploratória para a realização deste trabalho, pode-se notar que a adoção apenas dos três tipos predominantes de construção de perfil (SODRÉ e FERRARI, 1986) ou uma tipologia estanque de construção de personagem não dão conta da complexa tarefa de narrativizar o indivíduo, suas experiências e sua temporalidade na contemporaneidade. Esses textos, muitas vezes, devido às vozes que acionam na narrativa (para a construção dos perfis, além do personagem, vários outros protagonistas são ouvidos e suas vozes assimiladas no texto, por exemplo), à forte presença da ironia e do humor

(ANTUNES, 2015) proporcionam o alargamento da interpretação e da percepção o leitor, tornando-o mais autônomo para que ele ande por sua própria trilha de significação e tire suas próprias conclusões sobre o que leu.

Ao problematizarmos o perfil pelo viés da composição textual de um sujeito, vemos que o jornalista, na construção da sua narrativa,

tem a possibilidade de servir-se do material disponível que mais atenda ao formato escolhido. Não há regras a serem seguidas: cabe ao jornalista saber transportar, para os textos, enquadramentos que, paradoxalmente, transbordem sutilezas, delicadezas e somenos das histórias de vida, indispensáveis para construção da história passada, da inquietação presente e da perspectiva futura. (MAIA, 2013, p. 187)

Em seus estudos, Martinez (2008) afirma que várias são as formas de se captar e prender a atenção do leitor, mas uma delas se destaca por propor um padrão narrativo com o qual os seres humanos estão habituados há milênios, que permeia as narrativas míticas — a estrutura da *jornada do herói*. O conceito, proposto por Campbell (2005), dá conta de que tal modo narrativo é dividido em 17 etapas distribuídas em três fases.

A primeira fase é chamada de *A partida*, em que localizamos o início da jornada. Dentro dela, temos as seguintes etapas: *o chamado da aventura*, que é quando acontecerá um evento que mudará a vida do herói; *a recusa do chamado*, momento em que o herói poderá ter dúvidas sobre aceitar ou não o chamado que poderá mudar a sua vida; *o auxílio ao sobrenatural*, que é quando aparecerão figuras mestras capazes de aconselhar o herói em suas dúvidas; *a passagem pelo primeiro limiar*, o portal que separa o herói da experiência; e *o ventre da baleia*, que se dá quando o herói passa por um momento de reflexão interna. Já a segunda fase, chamada de *A iniciação*, é composta pelas etapas: *o caminho das provas*, que é quando o herói, em seu processo de transformação pessoal, passa por provações que o tentam a desviar do seu caminho; *o encontro com a deusa*, quando o herói se envolve emocionalmente com alguém, dispersando um pouco a sua atenção em relação à sua jornada; *a mulher como tentação*, momento em que o herói precisa encontrar o equilíbrio entre o carnal e o espiritual; *a sintonia com o pai*, momento em que o herói rompe com suas antigas convicções e valores, visualizando sua missão no mundo; *a apoteose*, o herói, despido de suas antigas crenças e valores se torna livre para alcançar outro nível de consciência; *a benção última*, quando experimenta outro nível de consciência espiritual, o herói se confronta com o desafio final de transcender a simbologia dos ícones. E, por fim, a terceira e última fase, é chamada de *Recusa do retorno*. Ela é composta pelas seguintes etapas: *a recusa do retorno*, que é o momento em que o herói descobre que tem de voltar às

suas origens e transmitir conhecimento que adquiriu por meio de suas experiências para seus pares, *a fuga mágica*, que é o momento em que o herói, pego em negação, precisa de ajuda para voltar ao seu cotidiano; *o resgate com auxílio externo*, quando outros personagens, externos à narrativa, podem vir ajudar o herói a cumprir sua sina de volta aos seus; *a passagem pelo limiar do retorno*, que é quando o herói efetua sua passagem pelo portal simbólico que o conduz de volta ao cotidiano; *senhor de dois mundos*, a visão ampliada do mundo, adquirida ao longo das experiências vividas em sua jornada, leva o herói a exercer um papel benéfico, com nuances de sábio, entre os seus e *liberdade para viver*, momento em que o herói se permite desfrutar de uma nova biografia pessoal e passa a se abrir para novas experiências.

Importante aqui destacar que o modo narrativo ativado por Campbell (2005) não rigorosamente segue todas as fases, sendo que em alguns relatos tais circunstâncias podem se sobrepor. Identificando similaridades com as narrativas de vida no jornalismo, como os textos classificados como perfil, Martinez (2008) se apropria da *jornada do herói*, de Joseph Campbell, e a ressignifica levando em conta as especificidades deste sistema semiótico e os estudos já realizados neste âmbito até então. A autora apresenta mais de 10 situações/circunstâncias em que, por meio da estrutura da *jornada do herói*, se pode pensar as narrativas de perfilação, pois "ainda que para efeitos sejam descritos os 12 passos da *jornada do herói*, esta sequência não precisa ser necessariamente linear, pois cada plano pode ser posto em relação a qualquer outro". (MARTINEZ, 2008, p.50).

Em diálogo com Martinez (2008), portanto, entende-se aqui a jornada do herói como um modo interpretativo de narrativas de histórias de vida estejam elas sendo narradas em biografias, perfis, documentários, livros-reportagem, etc. No que interessa a este artigo, pode-se observar que as situações/circunstâncias mencionadas se fazem presentes, até mesmo em função da extensão textual dos perfis, de modo fragmentado e referencial nas narrativas. Cabe lembrar que isso é próprio das narrativas míticas. Redesenham-se e atualizam-se sobre uma uniformidade, um padrão do modo de contar.

Perfilações na *piuí*: vultos, tipos, figuras e autoperfis

Como mencionado na abertura deste artigo, 80% das edições trouxeram este tipo de relato. A revista busca, ao seu modo, organizar tais narrativas adotando uma tipologia para identificá-las. Ao todo, em 103 edições (até a edição

de maio de 2017, a revista estava em sua 127ª edição), foram observados textos que foram considerados de perfilação. Embora estejam vinhetados pela própria revista sob um mesmo agrupamento, os textos classificados com as categorizações mais recorrentes — tipos, figuras e histórias pessoais — possuem heterogeneidade tanto no que diz respeito à temática quando no que diz respeito à construção narrativa, o que tornou um pouco mais complexa a construção de um *corpus*, dada a imprecisão dessa separação. É o caso dos agrupamentos aqui denominados de autoperfis, tipos e figuras.

Já a série *vultos*, que se desdobra em vultos da literatura, vultos da cultura, vultos da academia, vultos da economia, vultos da república, entre outros, agrupa textos mais coesos em relação à estrutura narrativa e à temática. Por serem mais representativos dentro da revista, elegemos os 30 vultos da república já publicados como *corpus* de análise para este trabalho. Dentro deste conjunto de 30 vultos, definiu-se uma amostra de seis artigos para o trabalho analítico.

A série de perfis *Vultos* apresenta ao leitorado personalidades que já são conhecidas do público em função de sua presença destacada na vida social — em geral, políticos, artistas, empresários, entre outros. Nessa categoria, os perfis são vinhetados como “vultos da cultura”, “vultos da economia”, “vultos da academia”, “vultos da literatura”, entre outros. No total, foram publicados 57 vultos, sendo que, desse total, 30 foram chamados de *vultos da república*³, que analisaremos neste artigo.

Notamos, também, a presença da série “Perfil” (11 ocorrências), com tom generalista no que diz respeito à escolha das personagens e dos temas. Os textos contam a história de pessoas célebres, como Ciro Gomes (*piauí*, ed. 6), Lily Marinho (*piauí*, ed. 4), Rodolfo Landim (*piauí*, ed. 52), entre outros.

Outra categoria dos perfis da *piauí* é a de figuras. As figuras correspondem a 12 perfis. Dizem respeito às pessoas que não possuem, por assim dizer, o nível de notoriedade como os *vultos*, mas que a revista entende que merecem ser perfilados. Como exemplo, pode-se citar o perfil do ex-comediante Tiririca e que se tornou deputado federal e recebeu o título *Tiririca no salão* (*piauí*, ed. 68). Ou do

³ Personagens dos vultos da república apresentados na *piauí*: Dilma Rousseff (ed. 31); Dilma Rousseff (ed. 34); Márcio Thomás Bastos (ed. 39); Marina Silva (ed. 40); Michel Temer (ed. 45); Lula (ed. 46); Índio da Costa (ed. 47); Luciano Coutinho (ed. 49); Marco Aurélio Garcia (ed. 51); Gilberto Kassab (ed. 58); Nelson Jobim (ed. 59); Gilberto Carvalho (ed. 60); Kakay (ed. 62); Eliana Calmon (ed. 66); Delúbio Soares (ed. 69); Paulo Vieira de Souza (ed. 73); Geraldo Alckmin (ed. 80); Kátia Rabello (ed. 81); Rui Falcão (ed. 83); Carlos Lacerda (ed. 91); Aécio Neves (ed. 93); Eduardo Campos (ed. 94); Paulo Skaf (ed. 95); Delfim Neto (ed. 96); Geraldo Alckmin (ed. 99); Jean Wyllys (ed. 110); Eduardo Pires (ed. 114); Delcídio do Amaral (ed. 117); Jair Bolsonaro (ed. 120); Jorge Picciani (ed. 126).

economista Ricardo Paes de Barros que na edição 74 foi perfilado no texto com o título *O liberal contra a miséria* (*piauí*, ed. 74).

Também notamos a presença da série “Tipos brasileiros”, representada por 23 textos em que são perfilados personagens que transitam entre o pitoresco e o caricatural, tal como acontece em *A supersuperlativa* (*piauí*, ed. 60), que conta a história de Marluce Marlele, fisiculturista conhecida como a Mulher Brontossauro, ou são perfiladas tribos como os sem carro da cidade de São Paulo (*piauí*, ed. 58) e os Sunga Pretas, do Rio de Janeiro (*piauí*, ed. 08), além disso, nessa série também são perfilados tipos de comportamento comum entre grupos sociais, como o que ocorre em *O neoerudito alegórico* (*piauí*, ed. 59), sobre os intelectuais que inundam seus textos e falas de elementos retóricos e construções frasais complexas e que não se fazem entender para a maioria das pessoas, até mesmo pelos seus pares.

Outro tipo de perfilação são as chamadas “histórias pessoais”, mais próximas de um autoperfil. São narrativas que procuram levar ao leitor perspectivas autocentradas, profundamente subjetivas e autodescritivas dessas personagens. Não são um tipo de perfilação comum na revista, somando, ao final, dentro do conjunto analisado, três textos. No artigo *Uma coisa de pele* (*piauí*, ed. 123), por exemplo, o poeta e jornalista Leandro Sarmatz fala de suas dificuldades e “bizarrecas” de ter de conviver com a psoríase e em *Meu reino por um banho quente* (*piauí*, ed. 20), texto em que Ney Matogrosso fala de seu orgulho em saber se virar e do seu desapego aos bens materiais.

Heróis e jornadas na *piauí*

No texto “A verde” (*piauí*, ed. 40), em que Daniela Pinheiro perfila Marina Silva, já é possível notar indícios da presença da jornada do herói desde o bigode do texto: “Rompida com o PT, acolhida pelo PV e rodeada por interesses diversos, Marina Silva percorre o país defendendo uma nação de baixo carbono”. Pode-se observar aí movimentos que sugerem desde o rompimento com o passado, o começo de uma nova forma de ser e de pensar, tentações e, no fim, o compartilhamento quase messiânico de experiências com a comunidade. O interessante é que, neste texto, o bigode evidencia uma jornada percorrida pela heroína-personagem que é parte de uma grande jornada, vivida pela protagonista do perfil em questão.

Pinheiro constrói narrativamente Marina Silva valendo-se de elementos que dialogam com o heroico: filha de um humilde seringueiro do estado do Acre, que desde a infância conviveu com a pobreza e com o escasso, que perdeu a mãe na infância, que, dentre os oito irmãos, “foi a que mais adoeceu. Aos 6 anos, teve o

sangue contaminado por mercúrio, o que seria a origem de todos os seus problemas de saúde. Teve cinco malárias, uma leishmaniose e três hepatites" (*piauí*, ed. 40). E que, mesmo diante de todas essas adversidades, se alfabetizou aos 16 anos, foi a vereadora mais votada da sua cidade, se tornou senadora, ministra e candidata a presidente da república. Uma história hercúlea e de superação.

Neste perfil, é possível identificarmos a sua saída do Partido dos Trabalhadores (PT) como a sua *chamada da aventura*, na medida em que este é um evento que muda a sua vida política, preparando-a para a passagem pelo primeiro limiar, quando abandona sua zona de conforto no PT e se abre para o contato com uma nova experiência no Partido Verde (PV): "Marina Silva se filiou ao PV com a promessa de encabeçar uma reestruturação no partido, que tem como líder na Câmara o deputado Zequinha Sarney" (*piauí*, ed. 40).

Outros eventos em sua história também remontam a *jornada do herói*, como é o caso do seu encontro com o primeiro marido, o que estaria associado ao *encontro com a deusa*, quando o herói se evolve romanticamente com alguém: "ela conheceu Raimundo Souza, técnico em eletrônica, que frequentava sua igreja. Foi seu primeiro namorado. Casaram-se e foram morar num barraco na periferia" (*piauí*, ed. 40) e a *sintonia com o pai*, quando Marina Silva rompe com sua antiga religião, refletindo sobre a sua missão no mundo e "recebe" a cura de uma enfermidade: "Marina se tornou evangélica da Assembleia de Deus, surpreendendo até mesmo seus amigos mais próximos. Segundo me disse sua irmã Lúcia, que é da mesma igreja, "Marina foi curada graças a Deus" (*piauí*, ed. 40).

No texto "O candidato S", de Consuelo Dieguez⁴ (*piauí*, ed. 95), em que o personagem perfilado é o ex-presidente da Fiesp, Paulo Skaf, nota-se a resposta do personagem ao *chamado da aventura* quando Skaf, cuja tradição profissional sempre esteve vinculada, de alguma forma, à indústria e aos sindicatos patronais, aceita o desafio de entrar na vida pública "para prestar um serviço à sociedade", assumindo uma missão na história: "quebrar a polarização entre PT e PSDB no estado" de São Paulo.

Pai de cinco filhos, o ex-presidente da Fiesp parece ir um pouco além do *encontro com a deusa*, momento em que conheceu Luiza, sua esposa, e com quem se casou aos 23 anos. Na *jornada do herói*, quando há o encontro com a deusa, o personagem passa por um momento de dispersão em sua jornada, como acontece

⁴ Consuelo Dieguez é uma das jornalistas que mais assinam os perfis *vultos da república*, em *piauí*: nove, ao todo. Dieguez trabalha na *piauí* desde 2007, é Consuelo Dieguez, repórter de *piauí* desde 2007. É autora da coletânea de perfis *Bilhões e Lágrimas*, da Companhia das Letras. Trabalhou no jornal *O Globo*, *Jornal do Brasil*, TV Globo e nas revistas *Veja* e *Exame*.

com Skaf que, após seu casamento e o nascimento dos primeiros filhos, se dispersa do objetivo de concluir a faculdade de Administração.

Skaf é mostrado por Dieguez, sobretudo em período de campanha (o que começou a acontecer quase dez meses antes do anúncio oficial de sua candidatura), como alguém que gosta dos holofotes, que faz questão de evidenciar seus feitos (ou os feitos da Fiesp?), utilizando-os para fins eleitorais. Com este mesmo fim, também é capaz de se fazer presente em encontros, reuniões e valer-se da nomeação conselheiros. Isso sem nos atermos às cruzadas que trava em busca da *benção última*. No caso de Skaf, a busca pela benção se ressignifica na busca pelo voto. No perfil apresentado, Skaf levanta bandeiras (a redução do IPTU em São Paulo, por exemplo). O texto sugere que o perfilado parece levar em conta o que o seu posicionamento poderá agregar à sua imagem na campanha em busca da benção do povo, traduzida em voto:

No final do ano passado, em mais uma de suas cruzadas, o presidente da Fiesp entrou em colisão com o prefeito paulistano, o petista Fernando Haddad, insurgindo-se, dessa vez, contra o aumento do Imposto Predial e Territorial Urbano, o IPTU. A Fiesp conseguiu derrubar o projeto na Justiça, depois de sua aprovação pela Câmara Municipal. Skaf falou que o aumento era “abusivo” e representava um “verdadeiro confisco”. Haddad o chamou de “demagogo” e disse que ele atuava para “prejudicar a cidade”. (*piauí*, ed. 95).

Já em “A bancada de um homem só” (*piauí*, ed. 110), escrito por Adriana Abujamra, o deputado Jean Wyllys (PSOL) é apresentado como um tipo de herói instado a aceitar grandes *chamados para a aventura* em sua história de vida. Logo na infância, o menino Jean aceita o desafio de se qualificar intelectualmente e deixa a família para estudar em um colégio interno, o que futuramente seria determinante para as suas escolhas profissionais que o conduziram à Universidade de Brasília como docente; na juventude, aceita um novo *chamado da aventura* ao se assumir homossexual, reconfigurando sua presença no mundo; já adulto, é selecionado para o programa *Big Brother Brasil (BBB)* e é o campeão da edição, tornando-o conhecido nacionalmente. Não muito distante deste fato, um novo *chamado da aventura* se impõe e Jean entra para a política e é eleito deputado federal pelo Rio de Janeiro. “Até eu entrar para a política, era conhecido como o baiano que participou do Big Brother Brasil, declarou ser gay em rede nacional e saiu vencedor do programa”. Ao aceitar este desafio, Wyllys passa pelo *primeiro limiar*, fato que o aproxima da experiência, da possibilidade de por em prática tudo o que acredita e tudo o que aprendeu até ali. O personagem, agora, assume notoriedade na mídia, no cenário político e entre as minorias, artistas e intelectuais:

Transitando com desenvoltura entre artistas, tendo a simpatia de intelectuais e um expressivo número de seguidores na internet, o deputado vem chamando a atenção para suas bandeiras: a defesa dos direitos dos negros e das minorias estigmatizadas, como a comunidade LGBT, e causas polêmicas, como a legalização das drogas e do aborto. (*piauí*, ed. 110).

Jean Wyllys, no início, passou por um processo de *recusa do chamado* antes de aceitá-lo e ingressar na vida política. A partir do momento em que se considerou que Wyllys tinha um potencial eleitoral, o vencedor do BBB recebeu diversas propostas: desde seu conterrâneo Antônio Carlos Magalhães Neto, em nome do DEM, até de Aloizio Mercadante, em nome do PT. Rejeitou todas elas, por ter dúvidas a respeito do caminho que realmente deveria trilhar, mas aceitou o derradeiro convite, vindo de Heloísa Helena, presidente do PSOL.

Porém, o que o relato do perfil em análise procura passar é que, para percorrer esse caminho, a personagem precisou ter muita coragem e determinação, sendo que ao longo da jornada, foram constituindo sua visão sobre o mundo, conhecendo os desafios e como enfrentá-los:

Os filhos de dona Inalva e seu José frequentaram as Pastorais da Juventude e as Comunidades Eclesiais de Base, movimentos criados por padres progressistas influenciados pelo marxismo e pelo Concílio Vaticano II, com “opção preferencial pelos pobres”. E aprenderam que a desigualdade social não deveria ser considerada natural. “Foi no envolvimento com a Igreja Católica que minha vida começou a ser politizada. A Igreja me deu acesso a livros e a um conhecimento que minha família e mesmo a escola que eu frequentava não me permitiam”, falou Wyllys. (*piauí*, ed. 110).

Hoje, avaliando-se mais experiente, Jean Wyllys parece viver a etapa do *senhor dos dois mundos*, em que sua visão mais amadurecida e ampliada, decorrente das experiências vividas em sua jornada, o leva a exercer um papel de sábio entre os seus companheiros de Câmara. Há muito tempo, o deputado trocou os trechos de letras de músicas, típicos de suas falas, por trechos de teóricos renomados e, vendo os grandes meios de comunicação como “uma arena rica a ser disputada”, não teme a inserção midiática acreditando que cada participação sua em um programa de televisão é uma oportunidade de fazer com que as pessoas conheçam as suas bandeiras e se conscientizem a respeito dos direitos humanos. Sobre o fato de estar sempre na mídia, seja a convencional ou a digital, ele finaliza: “a audiência da TV Câmara é menor do que a minha no Facebook. Então, se é para falar para o grande público, falo nas redes sociais, e não no plenário, onde ninguém escuta”.

Em “O comissário” (*piauí*, ed. 83), de Daniela Pinheiro, Rui Falcão, presidente nacional do Partido dos Trabalhadores, é construído narrativamente

como alguém que na atualidade não comete excessos, tem o tom de voz baixo e o comportamento elegante: “é formal, gentil e misterioso. É fácil imaginá-lo como cardeal de um conclave: gestos controlados, olhar opaco e indecifrável, ponderando o imponderável em tom de voz monocórdio” (*piauí*, ed. 83). Um personagem que, à primeira vista, o senso comum não imaginaria ter deixado sua rotina de estudante classe média para trás para ingressar na luta armada contra a ditadura militar no Brasil. Tudo começou quando Falcão, aos 17 anos, foi morar com parentes em Salvador e viu pela primeira vez uma manifestação de rua contra o então presidente Jânio Quadros. Até então, seu envolvimento com o mundo da política se restringia às suas atividades de presidente do grêmio do colégio. Essa manifestação mexeu com ele, despertando interesse e curiosidade, proporcionando ao herói dessa história o contato com o *chamado da aventura*.

Em meio a essa efervescência política, o presidente do PT vivenciava o seu primeiro *encontro com a deusa*, personificada na sua primeira esposa, Maria Aparecida, prima do ex-ministro da Agricultura de Collor, Antônio Cabrera, e mãe de dois dos seus três filhos. Tanto em casa quanto no trabalho, sua militância era ignorada. Aos amigos que ainda integravam o Partidão, confidenciava que se casara e que este era um dos motivos do seu afastamento do movimento, já que sua esposa só sabia, por alto, da sua atividade. Na verdade, nessa ocasião, ele já havia atravessado o *primeiro limiar* e já vivenciava sua ideologia como membro da Vanguarda Armada Revolucionária Palmares (Var-Palmares), “um grupo marxista-leninista que defendia a derrubada do governo militar pelas armas e a implantação de um regime socialista no país”, entrando para a clandestinidade e adotando o nome de Rubens de Jesus Carvalho e diversos outros codinomes.

Até que, em uma tarde, Falcão foi preso no apartamento em que morava e levado para a Ilha do Presídio, localizada a quatro quilômetros da costa gaúcha, onde o herói começou a trilhar arduamente o seu *caminho das provas*, entrecortado por surras, eletrochoques e diversos outros métodos de tortura que puseram à prova sua lealdade inabalável e seu posicionamento político. Falcão não cedeu.

Superadas as provações desse seu processo de transformação pessoal traumático, que deixou sequelas físicas e psicológicas - segundo ele, quase todas já superadas -, e já filiado ao PT, o personagem construído por Pinheiro, em 2013, atingiria a *etapa senhor dos dois mundos*, em que a sua visão ampliada de mundo, adquirida ao longo das suas experiências de vida, o leva a exercer o benéfico papel de Comissário de um novo desafio: emancipar o PT do governo federal.

Já Malu Gaspar, em “O samba do prefeito” (*piauí*, ed.114), conta como seu personagem, Eduardo Paes, ex-prefeito do Rio de Janeiro, com muita

manemolência, conquistou a prefeitura da cidade e recebeu, em sua gestão, um dos maiores eventos mundiais do esporte: as Olimpíadas.

Filho de pais representantes da classe média carioca, desde cedo Paes já apresentava tendência para a política, segundo conta uma amiga de colégio:

A bordo da lanchinha, o jovem circulava pela baía de Angra, comparecendo a todas as festas, tivesse ou não sido convidado. Articulado e expansivo, já então dava sinais de pendor para a política. “Ele vivia abraçando as pessoas, gostava de um discurso, queria ser o centro das atenções” (*piauí*, ed.114).

Mesmo com a manifestação do “dom” para a política, Paes não chegou a se envolver no movimento estudantil, como grande parte dos seus colegas. Seu ingresso se deu pelas mãos do seu guru e padrinho político, César Maia, apresentado a ele por uma amiga da filha de Maia. Não demorou muito para que o político começasse a pedir consultas jurídicas a Paes, que estagiava em um escritório de advocacia.

Em 1992, Paes teve seu *chamado da aventura*. Candidato a prefeito do Rio, César Maia o convidou para trabalhar em sua campanha. Integrado à Juventude Cesar Maia, ele tinha uma missão bem prosaica: “Eu dirigia o carro, porque ele não tinha motorista. Estudava e trabalhava durante a semana e, na sexta, pegava o carro e ficava andando com ele. Só largava no domingo.” (*piauí*, ed.114). A dedicação do jovem compensou. Uma vez eleito, Maia o chamou para trabalhar na prefeitura, onde se tornou seu pupilo e ganhou uma subprefeitura.

Suas ações polêmicas, que em diversos casos envolviam a desapropriação e a remoção de muitas famílias, eram mal vistas pela população comum e admiradas por um dos maiores jornais da cidade, *O Globo*. A publicidade em torno de seu nome era tão grande, que trilhou seu caminho rumo à sua passagem pelo *primeiro limiar*, quando decidiu entrar de vez na vida pública, se candidatou a vereador e venceu como o mais bem votado do país, em 1996.

A essa altura, já tinha claros seus objetivos: “ser secretário-geral da ONU, isso depois de ser prefeito, governador e presidente da República” (*piauí*, ed.114). Entretanto, teria de passar pelo *caminho das provas*, por momentos tensos e provativos que o persuadiriam a se desviar desse seu objetivo. Por ironia do destino, as provas em seu caminho foram postas por César Maia. Pelo fato de seu filho estar ingressando na política, o guru de Paes chegaria a pedir que ele desistisse de sua candidatura a deputado. Desiludido, Paes entra no *ventre da baleia*, onde passa por um profundo processo de reflexão pessoal, e opta por se afastar do padrinho político, trocar de partido e seguir o caminho que traçara para si. “Tive no PSDB todo o carinho do mundo. Mas, o meu objetivo era ser prefeito do

Rio, e quando o Cabral me convidou eu vi que poderia conseguir”, disse o agora peemedebista. Mudança que o conduz ao seu objetivo. Ele é eleito prefeito da cidade maravilhosa com o desejo de ser o “prefeito que mais transformou o Rio, desde Carlos Lacerda e Pereira Passos”. Nesse sentido, trabalhou para a construção do Porto Maravilha e pela conclusão das obras olímpicas, acompanhando de perto planilhas e resultados.

Já em “O delator” (*piauí*, ed. 117), perfil de Delcídio do Amaral escrito por Malu Gaspar, notamos que a narrativa da história de vida do ex-senador encontra-se em andamento quando o narrador pega o bonde da história, fazendo seu recorte temporal a partir do momento em que Delcídio é preso, em sua residência. É a partir desse fato que se desenrola a história. Entramos em contato com um Delcídio prestes a ultrapassar o *primeiro limiar* desse recorte histórico: a assinatura do acordo de delação premiada, o que o legaria o papel de inimigo número um do Partido dos Trabalhadores (PT).

Para o personagem, a passagem pelo *primeiro limiar* se deu muito próxima ao período em que esteve no *ventre da baleia*, momento de reflexão interna sobre quais passos tomar após a prisão: depois de muito pensar, Delcídio do Amaral “passou a considerar a hipótese de implodir o governo Dilma na manhã de 25 de novembro de 2015”.

Em sua história, a figura de sua esposa, Maika do Amaral, se faz presente, exercendo grande influência sobre as ações do ex-senador, aconselhando, impondo ou até mesmo dando broncas no marido:

“O que foi que você fez?! O que você fez?! Eu não te conheço, esse não é o meu marido! Você está oferecendo um avião para o cara fugir? Você está maluco!”, fulminou no celular Maika do Amaral logo na primeira conversa com Delcídio, ainda no dia da prisão. (*piauí*, ed. 117).

Essa forte presença e influência é indício de que houve, na vida de Amaral, seu *encontro com a deusa*: “ela participava ativamente das campanhas políticas e, sempre que tinha chance, palpitava. Uma de suas broncas constantes era a filiação dele ao PT, partido que ela nunca engoliu”.

Assim como nos exemplos aqui analisados, encontramos em todo o *corpus* elementos narrativos que remetem à jornada do herói como constructo base do enredo das narrativas. Entretanto, talvez pela natureza dos perfilados, todos ligados de alguma forma à política, Marina Silva é a única que se aproxima das etapas transcendentais da jornada do herói teorizada por Campbell (1992). Em sua jornada, identificamos a *sintonia com o pai* e uma influência do sobrenatural. Em contrapartida, as etapas mais recorrentes no conjunto dos personagens são: *o chamado da aventura*, *a passagem pelo primeiro limiar*, *o encontro com a deusa*, *o*

ventre da baleia, localizados na primeira e na segunda fase da jornada do herói, sendo, respectivamente, *A partida* e *A iniciação*.

Considerações finais

Este artigo buscou observar, centrando a atenção nos perfis publicados em mais de 10 anos pela revista *piauí*, séries narrativas jornalísticas que se valem de gestos biográficos como estratégia para buscar transcender a dimensão imediatamente visível do acontecimento e, assim, buscar aprofundar-se no entendimento da vida social, contrapondo as circunstâncias e causalidades que o engendraram e fazer emergirem as sobreposições, articulações, nexos e conexões que ele retroalimenta.

Em nosso entendimento, para o enfrentamento da pergunta que moveu esta reflexão, mostrou-se acertada a decisão dos autores de valerem-se dos perfis da *piauí* em função, entre outros motivos, das características editoriais da própria revista e pela importância que os gestos biográficos, sejam os perfis jornalísticos ou outras textualidades, possuem nesta publicação. Portanto, acreditamos que a pergunta que nos guiou, a saber, os modos e em que medida a *piauí* se vale da perfilação na construção de suas estratégias narrativa, encontrou relevante ressonância em termos do que foi possível observar desde a observação exploratória até a análise do corpus de análise, que correspondeu a cerca de 30% do conjunto dos textos considerados de perfilação.

Outra consideração que pode ser feita após o trabalho analítico é que os textos observados privilegiam perspectivas e elementos fortemente presentes no modelo interpretativo de Joseph Campbell da *jornada do herói* (Cousineau, 2004), em que se ressaltam fases jornadas de "aventuras" que se misturam, quando não se sobrepõem, à própria trajetória de vida dos perfilados. Nessa perspectiva, enfatiza-se que a apropriação feita por Martinez (2008) da noção de Campbell herói mostra-se um importante contributo em termos de suas possibilidades interpretativas, em função de, mesmo que de modo tentativo, possibilitar leituras que podem propiciar olhares lateralizados sobre as textualidades construídas pelos perfilistas: o "chamado", as aventuras, os desafios, os novos rumos da jornada, o conhecer a si próprio e as decisões e ações diante dos enfrentamentos.

Referências

ANTUNES, Rennan. **A visão periférica do acontecimento como estratégia narrativa:** jornalismo e literatura na seção esquina da revista piauí. Saarbrücken: NEA Edições, 2015.

BAKTHIN, Mikhail. **Estética da criação verbal.** São Paulo, Martins Fontes, 2005.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica, In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (org). **Usos e abusos da história oral.** Rio de Janeiro, Editora FGV, 1986.

BRUCK, Mozahir. **Biografia e literatura:** entre a ilusão biográfica e a crença na reposição do real. Belo Horizonte, Veredas e Cenários, 2009.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces.** 10. ed. São Paulo, Cultrix/Pensamento, 2005.

COUSINEAU, Phil (org.). **Joseph Campbell:** vida e obra. São Paulo, Editora Ágora, 2004.

MAIA, Marta Regina. Perfil: a composição textual do sujeito. In: TAVARES, F. SCHWAAB, R. (org). **A revista e seu jornalismo.** Porto Alegre, Penso, 2013.

MARTINEZ, Monica. **Jornada do herói:** a estrutura narrativa mítica na construção de histórias de vida no jornalismo. São Paulo, Annablume, 2008.

PIGNATARI, Decio. Para uma semiótica da biografia. In: HISGAIL, Fani (org.). **Biografia: sintoma da cultura.** São Paulo, Haccker Editores, 1996.

SODRÉ, Muniz. FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem:** notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo, Summus, 1986.

Revista piauí. Edições analisadas: 40, 83, 95, 110, 114, 117.

VILAS BOAS, Sergio. **Perfis e como escrevê-los.** São Paulo, Summus Editorial, 2003.